



Para uma teologia bolivariana da libertação

For a Bolivarian Liberation Theology

Marcelo Barros *

A Teologia da Libertação surgiu e se desenvolveu a partir da prática de comunidades cristãs populares e de sua participação junto aos movimentos sociais pela justiça e a transformação da sociedade. Neste ano celebramos os 40 anos da primeira edição do livro “Teologia da Libertação” de Gustavo Gutierrez, em 1972. Entretanto, alguns anos antes, já Hugo Assmann trabalhava a relação entre Cristianismo e Marxismo. Em 1971, H. Assmann publicava “Opressão-libertação – Desafio aos cristãos” (ASSMANN, 1971). E pelo menos desde a metade dos anos 60, José Comblin, Rúbem Alves e Richard Shaull faziam uma reflexão na mesma direção. Clodovis Boff escreveu:

a teologia da libertação não é a origem do cristianismo comprometido com os movimentos sociais. Ela é o resultado de toda uma prática das comunidades. Vem de experiências anteriores, como a ação católica e especificamente a JUC brasileira de 1960 a 1962. [...] Antes que a Teologia da Libertação aparecesse, já havia na Igreja uma práxis libertadora. Antes de haver teólogos da libertação, tivemos bispos proféticos, leigos comprometidos e principalmente comunidades libertadoras. Isso desde os inícios dos anos 60. A Teologia veio em um segundo momento, como expressão dessa prática libertadora da Igreja. A TdL é a teologia de uma Igreja de libertação, de uma Igreja que, toda ela, opta prioritária e solidariamente pelos empobrecidos. (BOFF, L.; BOFF, C., 1985, p. 16).

Artigo publicado no Mutirão (*Minga*) Temático de Revistas de Teologia Latino-americanas, organizado pela Comissão Teológica Latino-americana da ASETT/EATWOT (Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo), para 2013.

* Marcelo Barros é monje beneditino e biblista; assessor das CEBs dos movimentos populares no Brasil. É autor de inúmeros livros. País de origem: Brasil. E-mail: comisioneteologica@latinoamericana.org.

Ora, a partir do início desse século XXI, a América Latina vive uma novidade no ponto de vista social e político. Como afirma o professor Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 42): « A América Latina foi o continente onde o socialismo do século XXI entrou na agenda política».

De fato, esse novo processo social e político latino-americano, emergente em vários países do continente, pode se dizer inspirado no sonho de Simon Bolívar, o libertador que viveu e atuou no início do século XIX. É um caminho de integração latino-americana. Por isso, chamamos esse processo de “revolução bolivariana” (BARROS, 2011). Uma característica desse novo bolivarianismo tem sido a participação de muitos cristãos e cristãs de base, apesar de que a cúpula de algumas Igrejas, como a Católica, tem atuado e se pronunciado contrária a todos os processos revolucionários na América Latina (seja na Venezuela, seja na Bolívia ou no Equador). Tanto pela numerosa participação de cristãos nesse caminho social novo, como pela importância dessa contribuição para a libertação econômica e política de nossos países, é fundamental que a Teologia da Libertação se pronuncie sobre o bolivarianismo. Ela precisa aprofundar o assunto e, caso constate que é justo, ser solidária a essa luta pacífica e dar a sua contribuição própria ao processo revolucionário. Para isso, é importante compreender melhor o que ocorre no continente. É preciso também aprofundar como a teologia da libertação pode interpretar esse processo social e político a partir dos pressupostos da fé ecumênica e pluralista. Só assim as comunidades e os próprios teólogos/as poderão melhor colaborar com esse processo. Um desafio importante para a teologia é também explicitar a espiritualidade inerente ao processo revolucionário bolivariano e aprofundar teologicamente como nossas Igrejas e comunidades religiosas podem ser renovadas por essa cultura amorosa que é o ideal bolivariano¹.

¹ Cf. DECLARACIÓN FINAL DEL ENCUENTRO SOBRE ESPIRITUALIDAD LIBERADORA À LA LUZ DE LA TEOLOGÍA DE LA LIBERACIÓN, Caracas, 19 de agosto de 2012. Cf. en Espiritualidad, Liberación y Bolivarianismo. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=70005>

De acordo com o método do ver, julgar e agir, convido vocês, primeiramente a ver como está sendo o processo bolivariano y depois quais são nossas bases para uma teologia da libertação que seja bolivariana e finalmente a que isso nos leva.

1 Una rápida visão do novo bolivarianismo

Na América Latina, esse caminho para um novo socialismo toma nomes diferentes, de acordo com o país e sua realidade local. Na Bolívia, tem sido chamado de “insurgência indígena”, no Equador, de “revolução cidadã” e na Venezuela, de “revolução ou processo bolivariano”. Nesse processo latino-americano, o professor Boaventura de Sousa Santos distingue três etapas ou dimensões que ocorreram no continente:

1º) a transição da ditadura à democracia.

O que recentemente ocorreu no Paraguai e em Honduras com golpes de estado parlamentar ou não e a discussão sobre a lei da Anistia e a Comissão da Verdade no Brasil para a investigação dos crimes cometidos pelo Estado na época dos governos militares são fatos que revelam: essa passagem da ditadura à democracia social e política ainda não foi plenamente concluída.

2º) A transição do colonialismo à descolonização.

Em toda a América Latina, há um fortalecimento de movimentos indígenas e negros, assim como nas novas Constituições nacionais (como no Equador e Bolívia) os países se proclamam *plurinacionais*.

3º) a transição do capitalismo a um caminho que se constitua como um novo socialismo para o século XXI.

Embora ainda embrionário e com várias contradições, esse processo social novo faz com que, conforme a análise de conjuntura da Conferência Nacional dos

Bispos Brasileiros (CNBB), “a Venezuela passou a ser o país, reconhecido pela ONU, onde a desigualdade social mais diminuiu”(CNBB, 2012).

Hoje, este processo revolucionário, a pesar de ainda incipiente e frágil, está tomando um caráter original e autônomo, inspirado nas culturas dos povos antigos do continente e imerso na comunhão amorosa com o universo que nos rodeia e do qual somos parte pensante e sentida.

A revolução bolivariana se apresenta como «uma árvore de três raízes»: 1º a raiz bolivariana que vem de Simón Bolívar (em princípios do século XIX) e se expressa em igualdade e dignidade de todas as pessoas humanas, principalmente as que pertencem às culturas oprimidas.

2º a raiz simoniana (de Simón Rodríguez, educador e mestre de Bolívar) insiste na educação como arma para a transformação.

3º Finalmente, a raiz zamorana (de Ezequiel Zamora, general, companheiro de Bolívar) propõe a união civil e militar no processo de transformação social e política.

Heinz Dieterich é alemão, discípulo de Adorno, de Habermas e da vanguarda europeia dos anos 60. Doutor em sociologia política e considerado «papa da quarta via», acompanhou desde os anos 70 o processo social em vários países da América Latina. Um artigo seu se intitula: “a revolução bolivariana e o socialismo do século XXI” (DIETERICH, 2007). Ali ele afirma: “a revolução bolivariana pode ser definida como um processo de transformação caracterizado por quatro macro-dinâmicas:

1. a revolução anti-imperialista;
2. a revolução democrático-burguesa;
3. a contra-revolução neoliberal;
4. o objetivo de chegar a uma sociedade socialista do século XXI”.

Evidentemente, essas quatro etapas ou dimensões não estão ainda garantidas. Nesse sentido, o processo bolivariano é um caminho para o socialismo do século XXI e não ainda esse socialismo realizado. Mas, por isso mesmo, para as tradições espirituais e Igrejas cristãs, o bolivarianismo é ocasião importante e talvez única de uma experiência nova que nos leve a viver a fé e a espiritualidade a partir de um processo político aberto. Se nos omitimos, depois, teremos de prestar contas à história, se não a Deus e às gerações futuras.

2 Como fazer teologia sem cinismo

Nos anos 80, em um congresso teológico em Montevidéu, Hugo Assmann afirmou:

Se a situação histórica de dois terços da humanidade, com seus milhões de mortos de fome e desnutrição, não se converte atualmente em ponto de partida de toda teologia cristã, a teologia não poderá concretizar historicamente seus temas fundamentais. Suas perguntas não serão perguntas reais. Por isso, é necessário salvar a teologia de seu cinismo. Porque, realmente, diante dos problemas do mundo de hoje, muitos escritos de teologia se reduzem a cinismo (ASSMAN; MO SUNG, 2009, p. 12).

Diante de uma situação de “injustiça estrutural”, como, em Medellín, os bispos católicos latino-americanos descreviam a realidade do nosso continente (em 1968), a teologia não pode omitir-se. Tanto por uma questão ética de justiça, como principalmente porque a organização social injusta da sociedade resultou de sistemas que se chamavam de cristãos e muitas vezes foram legitimados pela Igreja e por sua doutrina. Então, a teologia cristã não é inocente nem em relação à escravidão de negros e índios, nem em relação às guerras de conquista e ao etnocentrismo y arrogância com que os ocidentais brancos trataram outras culturas y civilizações. Na história, a omissão e mesmo a conivência da imensa maioria de cristãos e pastores diante dos crimes do tráfico humano, da escravidão e da conquista, *não foram só pecados fortuitos ou ocasionais de alguns filhos da*

Igreja, mas consequência de como a Igreja se fez poder imperial, junto aos poderes do mundo e com uma forma de falar de Deus e fazer teologia que legitimaram o poder e a desigualdade. Até hoje, não há nada de mais anti-cristão do que uma Igreja que, como, na época do Concílio Vaticano II, dizia o padre Yves Congar, se deteriorou em uma sociedade onde o centro de tudo é o poder da hierarquia. Nada é mais oposto a Jesus do que usar a imagem do Crucificado como símbolo de poder e de vitória política em repartições públicas. Esse modelo de Igreja ainda vigente jamais poderá aceitar um processo revolucionário onde a hierarquia não seja mais um poder dominador e controlador de tudo. Os latino-americanos, comprometidos com a causa dos pequenos sabem quem foi Leónidas Proaño, bispo de Riobamba no Equador, profeta e defensor dos índios. Ele morreu em 1988. Já na agonia da morte, suas últimas palavras foram: “Agora percebo: a Igreja é a única responsável por esse peso que, durante séculos, os índios sofreram. Meu Deus, que dor, que dor. Estou agora carregando esse peso de séculos” (CASALDÁLIGA, 2007, p. 279). Essa convicção de Monsenhor Proaño foi de uma minoria profética de missionários cristãos desde o tempo da conquista.

Ainda hoje são atuais as palavras do bispo frei Antonio de Montesinos, na Igreja de Santo Domingos em dezembro de 1511:

Eu sou a voz de Cristo que clama no deserto dessa ilha e é importante que vocês a escutem, mesmo se ela é dura e áspera. Esta voz diz que vocês estão em pecado mortal pela crueldade com que tratam essas pessoas inocentes, os índios. Digam: com que direito, com que justiça vocês os mantendes em tão cruel e horrível servidão? Como podem aceitar que eles estejam assim, oprimidos e fatigados e vocês não lhes dão de comer, não tratam suas doenças? Eles não são pessoas humanas? Não têm almas racionais? Vocês não entendem isso? Como vocês parecem entorpecidos em um sono letárgico...”. (Citado por CHACON Y CALVO, 2011, p. 148-149).

Antonio de Montesinos, Pedro de Córdoba e alguns outros religiosos foram fundamentais na conversão do frei Bartolomeu de las Casas, precursor da teologia da libertação e, podemos dizer, que do bolivarianismo. Conforme ele mesmo conta

mais tarde e seus biógrafos reiteram, ele devia pregar na ilha de Cuba quando se viu diante do texto do Eclesiástico:

O Altíssimo não aceita as oferendas das pessoas injustas. Nem por uma multidão de sacrifícios, ele perdoa os pecados. Quem oferece a Deus sacrifícios com o que é roubado dos pobres age como quem imola um filho diante dos seus pais. O pão do qual os pobres necessitam é como a vida deles. Aquele que lhes tira isso é assassino. (*Eclo 34, 18 ss*).

Esse texto bíblico o levou a se dar conta de como as missões católicas eram coniventes com a escravidão. Ele mudou de vida. Renunciou a seu ministério no sul do México e voltou para a Espanha, onde, até a morte, defendeu os índios.

No início dos anos 70, os bispos católicos do nordeste e do Centro-oeste do Brasil publicaram documentos que denunciavam a situação do povo. Eles afirmavam:

Devemos vencer o capitalismo. Esse é o grande mal, o pecado acumulado, a raiz apodrecida, a árvore que produz frutos como a pobreza, a fome, as doenças e a morte. Para vencer isso, é necessário que a propriedade dos meios de produção (fábricas, terra, comércio e bancos) sejam destronados (Citado por LOWY, 1994, p. 36)².

Em 1978, na Universidade ibero-americana, monsenhor Sergio Méndez Arceo, bispo de Cuernavaca, México, declarou: “O socialismo é mais relevante para a construção da humanidade do século XXI do que qualquer outra ideia”. Mais tarde, em Cuba, junto a Fidel Castro, afirmou: “Não há contradições entre os propósitos da fé religiosa e do socialismo. Temos que fazer uma aliança entre religião e a revolução” (Citado por GIRARDI, 2002, p. 89 e 93-94). Sem dúvida, essa posição clara e profunda pela justiça e a libertação dos empobrecidos do mundo explica a existência da teologia da libertação nesses 40 anos e justifica a inserção dessa teologia no caminho bolivariano.

² O texto completo pode ser encontrado em *SEDOC*, v. 6, 1973/1974, p. 993-1021.

3 Bases para uma teologia da libertação bolivariana

Uma teologia pluralista da libertação que se queira bolivariana deve ajudar as comunidades cristãs e de outras tradições espirituais a compreender melhor esses novos processos sociais, não somente a partir dos governos populares, por mais justos, retos e revolucionários que sejam, (Chávez, Evo Morales, Correa, etc), mas, a partir das comunidades empobrecidas e populares e como caminho espiritual de missão para nós. Um dia, jornalistas perguntaram a Dom Helder Câmara se ele apoiaria um governo mais popular. Ele respondeu: “Se o governo serve efetivamente às comunidades populares, nos encontraremos nesse serviço. São os oprimidos que nos reúnem”.

3.1 Uma fé e uma teologia reinocêntrica

Um tema atual e fundamental para a nova teologia pluralista da libertação bolivariana é exatamente aprofundar como o processo bolivariano não pode ser tomado como etapa do reino de Deus, mas serve de sinal e indicador da vinda do reinado divino. Em um livro recente, Jung Mo Sung fez uma crítica a escritos teológicos do “Cristianismo de libertação” que identificam sistemas ou realidades políticas com etapas do reino. Ele denuncia que isso pode levar à sacralização da política. Insiste que o reino é sempre dom de Deus e transcendente (ASSMANN; SUNG, 2009, p. 14s).

De fato, essa reflexão toca na vocação escatológica do Cristianismo. Como dizia Karl Barth: “Um Cristianismo que não está em tudo e sem resíduo escatológico nada tem a ver com Jesus Cristo” (BARTH, 2002, p. 165). O problema está justamente em articular essas duas dimensões. De um lado “está em tudo”, isso é, ser presente e inserido e, de outro, manter sua dimensão de transcendente. De nenhuma forma, isso quer dizer “manter-se no futuro” ou “ser de outro mundo”

e sim inserir-se sem perder uma reserva de abertura a um mais, nunca realizado totalmente.

Devemos reconhecer que podem haver ilusões e impropriedades de linguagem quando a pastoral popular ou teólogos/as da libertação falam de “etapas do reino”. cremos mesmo que o reino de Deus é dom e transcendente. Entretanto, mesmo que seja parcialmente, cremos que ele se encarna na história. Jesus nos ensinou a pedir: “Venha (para aqui, para o mundo) o teu reino”. Então, não podemos renunciar à tese de uma única história e de que a justiça social e política, embora não seja como etapa, é sinal e sacramento do reinado divino. Essa reflexão é urgente porque constrói uma teologia não sobre a igreja e suas doutrinas, mas sobre o reino e sobre suas mediações sacramentais que podem sim ser sociais e políticas (e não só as mediações religiosas que sempre foram privilegiadas na teologia). Agora, o desafio é conseguir que esse processo bolivariano se consolide.

3.2 Visão reinocêntrica libertadora e kenótica

Uma característica importante da teologia da libertação tem sido superar o eclesiocentrismo que confundia o reino de Deus com a estrutura eclesial. Também caminhamos para além de um cristocentrismo que o próprio Jesus de Nazaré desconheceu e não aprovaria (LOPEZ VIGIL; LOPEZ VIGIL, 2008). A teologia pluralista da libertação desenvolveu uma visão reinocêntrica que é importante y libertadora, mas tem que ser mais aprofundada. Diante de um processo político como é o bolivarianismo, é possível discernir sinais do reino e valorizá-los como sendo uma dimensão teológica da revolução. Ainda existe uma teologia do reino que veio da cristandade e é ligada a imagens de um Cristo rei poderoso, ídolo e símbolo da avidez de poder eclesiástico. Isso nada tem a ver com o verdadeiro Jesus de Nazaré. A verdadeira teologia do reino fundamentada no evangelho é a que Jesus ensinou quando comparou o reino com a menor das sementes da horta e com um pouco de fermento a ser misturado na massa (Mc 4). Essa vocação de se perder e se

esvaziar (em grego, *Kenosis*) é essencial ao reino e, portanto, deveria ser característica essencial da Igreja, enquanto que a teologia e a espiritualidade tradicionais falam disso como se fosse uma dimensão ascética ou penitencial de Cristo (e não uma opção humana que tem características sociais e políticas) e como se fosse só de Cristo e não caminho das Igrejas e de todos seus discípulos. Só uma Igreja que aceite fazer esse caminho rompe com o cinismo estrutural desse mundo injusto e cruel e pode ser de fato bolivariana.

A partir dessa posição de humildade e disponibilidade de servir sem se impor, é importante que a teologia possa indicar outros caminhos para a cristologia, a eclesiologia, a missiologia e outros tratados teológicos.

3.3 uma teologia confessante diversa da alemã

Na época do nazismo na Alemanha, um grande número de pastores e ministros de Igrejas se calaram e foram omissos diante do sistema nazista. Entretanto, principalmente na Igreja Luterana, mas também em outras confissões cristãs, houve sacerdotes e pastores que formaram a *Igreja confessante*, ou da resistência. Dessa corrente teológica, veio o pastor Dietrich Bonhoeffer, precursor da teologia da libertação. Em uma de suas cartas, escritas na prisão para Eberhard Bethge, ele retomou um conceito da filosofia do direito, formulado pelo holandês Hugo Crócio no início do século XVII e o aplicou à realidade social e política da sociedade de seu tempo. Ele defendeu que “devemos viver com Deus como se não houvesse Deus” (“*etsi Deus non daretur*”) (BONHOEFFER, 2003)³. Sem dúvida, de um modo diverso da realidade da Alemanha da época da guerra, temos que retomar essa teologia da realidade e essa perspectiva de um cristianismo radical e confessante ou claramente subversivo. Na América Latina, mesmo se não temos a mesma realidade do nazismo alemão, temos sim uma situação de “injustiça

³ Trata-se da famosa carta de 30 de abril de 1944.

estrutural”, reconhecida pelos bispos católicos na 2ª conferência do CELAM em Medellín (1968) e que se prolonga y avança em novas formas de colonialismo interno e externo. O processo bolivariano é a primeira tentativa séria e até hoje coroado de êxito que tenta romper com a dominação norte-americana e a dependência das grandes corporações multinacionais que mantinham nossos países aprisionados a seus interesses. Por isso, a inserção da teologia da libertação no processo bolivariano tem algo da teologia da Igreja confessante da época do nazismo. Pode parecer estranho que no contexto do nazismo alemão, a teologia confessante era subversiva ao regime que estava no poder. Hoje, na América Latina, a teologia confessante pode sim ser crítica diante dos governos latino-americanos de tendência bolivariana, mas se é assim, ela tem de ser crítica por uma radicalidade socialista mais profunda e não através de uma crítica à direita, como tem ocorrido com certas conferências episcopais e figuras individuais de padres e bispos. De todo modo, a Igreja tem de ser confessante e profética diante do poder capitalista e do imperialismo e não só diante dos governos que combatem o sistema internacional iníquo, mesmo se esses também têm suas contradições e dificuldades.

Em décadas passadas, alguns teólogos da libertação puderam cair em certa ingenuidade ao quase canonizar sistemas e regimes do comunismo real do leste europeu e da China. Hoje, temos que ser mais críticos e manter a independência de juízo. Mas, mesmo com o cuidado de não cair na sacralização de um governo ou sistema social e na tentação de uma cristandade de esquerda, não devemos ter medo de ser partidários quando se trata de salvaguardar a liberdade e defender um novo socialismo para nossos países e até para o mundo.

3.4 Para um socialismo espiritual e ecumênico

A Teologia da Libertação deve unir-se a essa caminhada e refletir sobre a contribuição própria desse processo para a busca espiritual das pessoas que

participam nele, assim como a responsabilidade de todas as pessoas e grupos espirituais na consolidação deste novo *socialismo espiritual e ecumênico*. Ele não está ainda plenamente formado, mas em gestação avançada. Como pessoas que buscam uma espiritualidade humana e ecumênica, queremos, como diz o evangelho, «perceber os sinais dos tempos», sobre tudo «escutar o que o Espírito diz às Igrejas e ao mundo» e dar a contribuição específica que nos compete para, como dizia um poeta, «ajudar a madrugada a nascer e que brilhe um novo dia de graça».

David Choquehuanca, ministro das relações exteriores da Bolívia e especialista em cosmovisão andina, assim como outros analistas indígenas, rejeitam para o novo processo social latino-americano o título de socialismo. Afirmam que, diferentemente do capitalismo e mesmo do socialismo clássico mais conhecido, que dão prioridade ao dinheiro e às relações econômicas, os processos sociais emergentes no continente devem basear-se no «viver bem», conceito indígena que é critério de uma organização social e política novas. Esse processo feito através da educação, da valorização das culturas autóctones e de uma radicalização da democracia y do sentido de justiça é um caminho social, político, mas também espiritual de fé e amor solidário.

Em vários países da América Latina, as comunidades indígenas e afro-descendentes resistiram e continuam firmes diante da opressão e do massacre de mais de 500 anos. Na Venezuela e em outros países, o desafio é aprofundar as raízes culturais do novo bolivarianismo. Nesse processo, o protagonismo das culturas índias e afrodescendentes é fundamental. Nesses anos recentes, os índios e os negros se organizaram e se constituíram como protagonistas importantes do novo processo social e político. É importante valorizar essa força da fé, e não somente da fé cristã, mas das crenças e espiritualidades ancestrais desses povos. Existem diferentes formas de crer. Pode dizer-se que na carta aos romanos, Paulo mostra que existe uma fé que leva à justiça e outro tipo de fé que não conduz à justiça (Rom 1, 17 ss). Isso pode dar-se no cristianismo e em qualquer outra

tradição espiritual. A teologia bolivariana da libertação tem de desenvolver uma espiritualidade pluralista. O pluralismo cultural e religioso nos ajuda a contemplar no próprio mistério divino essa unidade que só se realiza na diversidade. É o que podemos chamar de “hierodiversidade” (BARROS, 2007). A biodiversidade é um conceito novo para a ciência, mas desde antigamente, as culturas ancestrais contemplam um princípio unificador, presente na diversidade dos seres vivos.

É também importante aprofundar que aspectos ou dimensões próprias a participação das pessoas que vivem a busca espiritual ecumênica (cristãos e de outras tradições) pode contribuir com o caminho bolivariano. É possível que a espiritualidade traga uma mais forte dimensão de transcendência ao processo. Por mais bem intencionados que sejam, políticos sem essa dimensão de transcendência têm a tendência de mudar o projeto maior e profundo de um novo mundo possível pelo projeto de poder e de ganhar eleições. A espiritualidade pode também ajudar a como viver a luta partidária que é própria do campo político, de forma a não demonizar o adversário e a escolher sempre métodos de luta não violenta e ética. A permanente revisão para ver como a meta mais profunda é vivida aqui e agora pede um método sério de crítica e autocritica que nem sempre somente um processo revolucionário pode garantir.

Isso permite viver a fé sem se fechar em si mesmo. A revolução bolivariana não é nem cristã, nem budista, nem islâmica. Os processos revolucionários atuais devem ser abertos à espiritualidade ecumênica e intercultural vivida no continente e oferecer-se como espaço de convivência e atuação de cristãos, crentes de religiões afrodescendentes, indígenas e outras. Essa proposta implica inserir-se nas culturas autóctones, mas precisamente para nos tornar, como dizia o padre Ernesto Balducci, “um ser humano planetário” (BALDUCCI, 1985, p. 189).

4 Para avanzar en el camino

Um dos obstáculos à inserção no social e político vem sempre de uma visão dualista da fé. Desde seu início, a Teologia da Libertação teve de enfrentar esse problema e sublinhar que existe só uma história e nela se realiza a salvação. Agora esse tema toca a própria noção de Deus. A imagem teísta de um Deus individual, fora da história e que intervém na vida da humanidade não pode mais ser a única leitura possível da fé e hoje não seria a mais indicada. É preciso relativizar a tradição que mantém uma distância entre Criador e criatura e nos faz pensar em Deus como alguém de fora do mundo que intervém na história como Salvador e Libertador.

Também no ponto de vista cultural, é necessário fomentar uma nova cultura que una a importância do coletivo ao respeito à subjetividade. A prioridade continua dada ao comunitário e social, mas, sem negar nem diminuir a importância do subjetivo, do emocional e mesmo do direito individual que não é fora da comunidade. Sem dúvida, uma teologia pluralista da libertação pode ser importante nessa tarefa de desconstruir o eu egoísta e reconstruir o eu novo como sujeito que assume uma visão cosmocêntrica e se vai divinizando.

Nos evangelhos, Jesus insiste que um primeiro passo nesse caminho é a necessidade urgente e permanente de conversão interior (metanoia). A conversão é sempre um processo comunitário. Essa renovação profunda corresponde ao que Marx chamava de “advento do homem e da mulher novos” e ao qual Che Guevara aludia quando dizia: “um socialismo unicamente interessado na redistribuição dos bens materiais não me interessa. Só vale a pena o socialismo si é para ser instrumento da renovação do homem e da mulher: o ser humano novo”.

Dom Pedro Casaldáliga esclarece: “A Utopia continua, apesar de todos os pesares. Escandalosamente desatualizada nesta hora de pragmatismos, de

produtividade a todo custo e de pósmodernidade exacerbada. [...] Esta Utopia está em construção. Somos operários da Utopia. A proclamamos e a fazemos: é dom de Deus e conquista nossa. Assim, queremos “dar razão da nossa esperança” (1 Pd 3). Intentemos, então, viver com humildade e com paixão, uma esperança coerente, criativa, subversivamente transformadora” (CASALDÁLIGA, 2009, p. 10-11).

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Opresión-Liberación: desafío a los cristianos**. Montevideo: Tierra Nueva, 1971.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Deus em nós**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BALDUCCI, Ernesto. **L'Uomo Planetario**. Brescia: Camunia, 1985.
- BARROS, Marcelo. Moradas do vento nos caminhos humanos: Para uma teologia da hierodiversidade. **Concilium**, Petrópolis, n. 319/1, p. 52-60, 2007.
- BARROS, Marcelo. **Para onde vai Nuestra América**. São Paulo: Nhanduti, 2011.
- BARTH, Karl. **L'Epístola ai Romani**. Milano: Feltrinelli, 2002.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Teología de la Liberación en el debate actual**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BONHOEFFER, D. **Resistência e Submissão: Cartas e anotações escritas na prisão**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- CASALDÁLIGA, Pedro. Para um socialismo Novo, a utopia continua. Carta introdutória da **Agenda Latino-americana Mundial 2009**. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/digital/2009AgendaLatino-americanaBrasil.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2012.
- CASALDÁLIGA, Pedro. **Quando os dias fazem pensar**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), Conselho Episcopal de Pastoral. **Análise de conjuntura – agosto de 2012**. Disponível em: <www.cnbb.org.br/publicacoes/documentos-para-downloads/doc.../1650->. Acesso em: 20 dez. 2012.

CHACON Y CALVO, José María. La experiencia del indio. In: CAIRO, Ana; GUEIÉRREZ, Amauri (Orgs.). **El padre Las Casas y los cubanos**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2011.

DECLARACIÓN Final del Encuentro sobre Espiritualidad liberadora à la luz de la Teología de la Liberación, Caracas, 19 de agosto de 2012. In: Espiritualidad, Liberación y Bolivarianismo. Disponible em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=70005>>. Acceso em; 20 ago. 2012.

DIETERICH, Heinz. **Hugo Chávez y el socialismo del siglo XXI**. 2.ed. Caracas: Sandra Mirna Soto Rodriguez, 2007. Disponible em: <http://www.ciberpatriotas.net/images/dieterich_socialismo_del_siglo_xxi_.pdf>. Acceso em: 20 ago. 2012.

GIRARDI, Giulio. **El movimiento subversivo de Jesús en la sociedad capitalista**. Madrid: Nueva Utopía, 2002.

LAS CASAS, Bartolomé. **Historia de las Indias**. México: F.C.E. , 1986. 3 vol.

LOPEZ VIGIL, Maria; LOPEZ VIGIL, José Ignacio. **Otro Dios es posible: 100 entrevistas con Jesucristo en su segunda venida a la tierra**. Quito: Radialistas Apasionados; Gráficas Silva, 2009.

LOWY, Michel. A dimensão cultural do capitalismo. **Cadernos de Fé e Política**, Petrópolis, n. 11, p. 31-43, jul. 1994.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. La izquierda tiene el poder político, pero la derecha continúa con el poder económico. **Caros Amigos**, São Paulo, mar. 2010.